

## **ENTRE O DITO E O VIVIDO: A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER A PARTIR DE NARRATIVAS DE JOVENS ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

Elder Jeferson da Silva – PPGED/UESB  
Sebastião Kenndy Silva Soares – PPGED/UESB

### **RESUMO**

Este trabalho tem por objetivo apresentar os dados preliminares do levantamento bibliográfico de uma pesquisa de mestrado em andamento. O foco do estudo é analisar os sentidos produzidos sobre a violência contra as mulheres a partir das narrativas de jovens estudantes de uma escola pública em Vitória da Conquista, BA, e como esses sentidos atravessam o percurso escolares dessas estudantes. Partimos do pressuposto de que a escola, como instituição formadora, deve levantar, debater e tratar temas relacionados à violência contra a mulher para superá-los. A pesquisa está fundamentada por uma abordagem qualitativa e narrativa. Os dados obtidos pela literatura indicam que a violência escolar afeta toda a comunidade escolar, sendo as alunas as mais afetadas. Os autores sinalizam que adolescentes não encontram um ambiente que beneficie seu desenvolvimento harmonioso e criativo nas escolas quando o assunto é a violência contra a mulher ou de gênero.

**Palavras-chave:** Estudante, Violência contra mulher, Narrativas.

### **INTRODUÇÃO**

As questões levantadas neste trabalho são resultados preliminares de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento. As inquietações que fundamentam o estudo surgiram das minhas experiências antes de entrar na universidade, complementadas pelos aprendizados obtidos em projetos de pesquisa e extensão no percurso formativo como aluno do curso de Psicologia e do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades na Universidade Federal da Bahia.

Durante o meu itinerário de formação, foi possível observar que os(as) gestores(as) e professores(as) utilizavam-se de discursos religiosos e morais para não abordarem temas relacionados a violência, violência contra mulheres, sexualidade e o gênero em sala de aula, mesmo estes sendo presentes na rotina escolar de seus alunos e apresentadas aos professores e gestores a partir de suas narrativas.

Com o levantamento bibliográfico realizado na pesquisa em andamento, somado às experiências apontadas, entendemos não ser possível negar o lugar e o papel que a escola e a educação ocupam enquanto instituições formadoras de sujeitos em processo de desenvolvimento e consequentemente de comportamentos “adequados” ao combate da violência contra mulher no espaço escolar e em uma dada sociedade.

Desta forma, entendemos que a escola não pode se opor em levantar, debater e tratar temas ligados a violência contra mulher e todas as outras que lhes atravessam. Fagundes (2001) argumenta que a educação é ao mesmo tempo uma instituição que pode produzir sujeitos que cometem a violência contra a mulher, assim como formar indivíduos que combatem essa forma de violência.

Nesse sentido, é o condicionamento cultural e das diferentes formas de educação que podem levar crianças e adolescentes a seguirem um modelo educacional violento ou não, este se encontra lastreado no tempo e espaço de cada sociedade. Observa-se que o modelo educacional em cada grupo social segue um padrão desejado pelo grupo dominante. Assim, a escola pode ser um mecanismo primeiro para o condicionamento desses jovens por meio das disciplinas. A disciplina se insere nos sujeitos pelos modelos educacionais da família, religião e escola. Entendemos que o período que compreende do ensino fundamental ao médio é crucial para a formação social, sexual, subjetiva e moral dos jovens. Nesse período, pode-se observar como as disciplinas podem influenciar e reforçar comportamentos violentos promovidos por normas sociais e culturais sexistas.

A organização dos espaços físicos, dos projetos pedagógicos e das políticas educacionais exerce controle sobre os discursos, corpos e comportamentos dos alunos. No Brasil a violência nas escolas é estudada desde a década de 70, Abarmovay (2003) aponta que as pesquisas foram feitas por diferentes recortes teóricos, autores e organismos nacionais e internacionais a saber: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Charlot e Min (1997), Debarbieux (1996), Sposito (1998), Codo e Vasques-Menezes (2001) dentre outras entendidas e teóricas. Estes estudos e pesquisas foram feitas sobre as manifestações da violência verbal, simbólica e psicológica dentro da escola.

Nesse sentido, evidenciamos que existe uma complexidade por trás do conceito de violência nas escolas, isto porque “O que é caracterizado como violência varia em função do estabelecimento escolar, do status de quem fala (professores, diretores, alunos, etc), da idade e, provavelmente, do sexo.” (ABRAMOVAY; RUA, 2003, p. 21). As pesquisas desenvolvidas por ABRAMOVAY (2003) e UNESCO (2019) levantaram os principais tipos de violência nas escolas, sendo elas: física, psicológica, verbal, institucional, vandalismo, bullying, Cyberbullying, violência sexual e outras.

Partindo dessa ótica, nosso pressuposto é que a violência contra mulher é um fenômeno social e cultural, que se encontra em constante mudança na relação tempo - espaço, principalmente no tocante a cultura dos povos. Borges (2013), ao estudar a manifestação da violência no contexto educacional afirma que é necessário um processo contínuo de investigação, buscando a realização de novas interlocuções, isto é, pensando sobre o passado, o presente e futuro para melhor compreensão e enfrentamento desse fenômeno e as narrativas das escolares é uma forma de trazer novas perspectivas.

Assim, Araújo (2008) afirma que violência contra mulher foi um termo amplo usado para descrever formas de violência direcionadas a indivíduos do sexo feminino, resultando em dano físico, sexual, material ou psicológico, incluindo coerção ou privação de liberdade em espaços públicos ou privados. Essa violência engloba a doméstica, restrição ao acesso à educação, assédio, exploração sexual, estupro, mutilação genital, entre outros, representando uma negação ou violação dos direitos humanos das mulheres. A autora ressalta os avanços nos estudos sobre a violência contra a mulher nos anos de 1990 com uma análise mais crítica e aprofundada sobre o tema. Assim, os autores passaram a realizar estudos apoiados em questões a partir das relações de poder subjacentes dos homens sobre as mulheres. Passou-se a denominar a violência contra a mulher como violência de gênero.

Frente a isso, apesar do crescente número de produções acadêmicas sobre o tema de violência contra mulher e de gênero, percebemos na pesquisa em desenvolvimento, uma escassez de estudos que investigam a violência contra a mulher nas escolas a partir das experiências e relatos de estudantes. Os dados encontrados por Ferreira e Nunes (2010) confirmam a necessidade de novas pesquisas voltadas para o gênero e a educação com recorte nas regiões Norte e Nordeste, quando comparadas com as regiões Sul e Sudeste do Brasil. Ou seja, além da escassez do tema com juventude, encontram-se também limitações partindo de um recorte geográfico.

Nosso interesse é investigar como a violência contra mulheres é percebida e vivenciada por estudantes no ambiente escolar a partir de suas narrativas. Consideramos essencial problematizar e valorizar suas vozes e experiências na educação investigando a existência ou não do silenciamento e invisibilidade de suas falas e como essas podem perpetuar ou combater a violência contra mulheres. As narrativas dessas jovens são cruciais para compreensão e combate desse tipo de violência, concordamos com as ideias de Souza; Monteiro e Flores (2024) quando nos revela que as narrativas como uma prática humana pode possibilitar a reconstrução do ser mulher dentro da sociedade e se mostra como uma ferramenta importante para o combate da violência por permitir novas leituras.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa é qualitativa, por permitir estudar a violência contra a mulher dentro do contexto histórico, social e subjetivo das estudantes de uma escola pública em Vitória da Conquista, Bahia. A escola será definida posteriormente, será do ensino fundamental ao médio, localizada na zona Oeste da cidade, em um bairro periférico. Iniciamos o levantamento bibliográfico conforme definido por Marconi e Lakatos (2007), explorando e avaliando teorias e trabalhos existentes na área de pesquisa. Essa abordagem envolve uma pesquisa sistemática da literatura para estabelecer uma base sólida de informações e referências que sustentem o estudo em andamento.

Estão sendo levantado trabalhos em bases de dados como Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, SCieLO e ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, no intervalo dos últimos cinco anos, com descritores como: Escola, Narrativas, violência contra mulher e

escolares. A abordagem narrativa será utilizada para produção dos dados, focando nas experiências vividas por jovens estudantes com uso de narrativas orais e escritas.

Segundo Clandinin e Connelly (2015), às narrativas organizam e significam nossas experiências, permitindo a construção de novos conhecimentos, o que destaca sua importância nesta pesquisa. Uma vez que esta possibilita descortinar a percepção de jovens escolares sobre sua experiência com as múltiplas formas de violências contra mulheres em seu ambiente escolar e novas formas de enfrentamentos da mesma.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os dados apontam que a violência na escola atinge toda a comunidade escolar, incluindo professores, técnicos, prestadores de serviços, a escola e o corpo discente. Nota-se a existência de um conjunto de desrespeitos cometidos pelos atores que compõem o cenário escolar, sendo as alunas as mais afetadas pela violência nas escolas (UNESCO, 2019). Isso é evidenciado nas normas e manuais das instituições sociais, tanto internas quanto externas à escola, que impõem condutas morais, religiosas e comportamentais. Essas imposições geralmente retratam as mulheres de forma negativa ou inferior segundo o sexo.

Gonçalves (2002) chama atenção para as mudanças na forma de representações do que é ser criança e adolescente pode variar. Essas representações são atravessadas pelas experiências dos docentes e os demais profissionais envolvidos, a localização geográfica da escola e o tempo presente que se observa o fenômeno e conseqüentemente nas formas de manifestação da violência. Essas representações determinam os chamados comportamentos adequados baseado no gênero e nos demais marcadores sociais, nesse sentido compartilhamos da ideia de Beauvoir (2016) de que somos todos seres humanos e como tal devemos ser tratados, pois, é na a cultura e sociedade onde vivemos, aprendemos e apreendemos o que é ser homem, mulher, menino, menina, adolescente, jovem e adulto.

Assim, observamos que as jovens em idade escolar regular, cidadãos com seus direitos garantidos pela Constituição Federal de 1988 (CF), bem como pelo Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) de 1990 têm seus corpos e comportamentos a todo instante vigiados, controlados e silenciados, seja por seus pares, professores, câmeras de vigilância, regras escolares, condutas religiosos e sociais dentre outros.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Entendemos que o ambiente escolar é um recorte da sociedade, que pode ter se configurado numa estrutura social opressora, em que a violência pode ser compreendida como uma ação humana proferida contra outros seres humanos de forma injusta, baseada no sentido dado a partir do gênero, da idade e/ou *status quo* que ocupa nessa micro sociedade, denominada aqui como escola.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY; Avancini; Oliveira. **Violência Escolar: O Bê a Bá da Intolerância e Discriminação**. Disponível em: [http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap\\_02.pdf](http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_02.pdf). Acesso em: 12 de setembro de 2015.

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas Escolas**. Brasília: UNESCO, 2003. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133967>. Acesso em: 23 de junho de 2024.

ARAÚJO, Maria de Fátima. **Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação**. *Psicol. Am. Lat.*, México, n. 14, out. 2008. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2008000300012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000300012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 21 maio 2024.

CLANDININ, J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2. Ed. Rev. Trad. Grupo GPNEP – Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL - UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

GOMES, Celma Borges. **Violência, poder e direitos humanos na escola**. In: GOMES, Celma Borges (Org.). *Violência nas escolas: uma realidade a ser transformada*. Curitiba: Juruá, 2013.

DAHLBERG, Linda L.; Krug, Etienne G. **Violência: um Problema mundial de Saúde Pública**. *Ciência. Saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 11, supl. p. 1163-1178, 2006. Disponível em: <https://scielosp.org/pdf/csc/2006.v11suppl0/1163-1178/pt>. Acesso em: 3 de julho de 2023.

FERREIRA, Márcia; NUNES, Georgina. **Panorama da produção sobre gênero e sexualidades apresentado nas reuniões da ANPEd (2000-2006)**. A 33ª reunião anual da ANPEd. 2010. Disponível em: <http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/T23-6147--Int.pdf>. Acesso em: 20 de junho de 2020.

FAGUNDES, Cristina Pereira Carvalho (Org). **Ensaio sobre Gênero e educação**. Salvador: UFBA Pró-Reitoria de Extensão, 2001. 171 p. il (série UFBA em campo; Estudos).

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. **Narrativas da Violência no Meio Escolar: Limites e Fronteiras, Agressão e Incivildade**. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2161/39-dossie-goncalveslao.pdf>. Acesso em: 24 de junho 2024.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

UNESCO. **Behind the Numbers: Ending School Violence and Bullying**. Paris: UNESCO, 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000366483>. Acesso em: 23 de maio 2024.

SOUZA, M.J.; MONTEIRO, F.M.A.; RIVAS FLORES, J.I. O Potencial Formativo da Pesquisa Narrativa na Formação Continuada do Docente Universitário. *Revista Linguagem, Educação e Sociedade -LES*, v. 28, n.57, 2024, ISSN: 2526-8449. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/5394>. Acesso em: 25 jun. 2024.